


Uma Noiva para Winterborne

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO



*Uma Noiva para
Winterborne*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Uma Noiva para
Winterborne*

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



Título original: *Marrying Winterborne*

Copyright © 2016 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Cristhiane Ruiz e Magda Tebet

diagramação: Aron Balmas

capa: Renata Vidal

imagens de capa: mulher: © Sandra Cunningham/Arcangel Images;
casa: Stephen Dorey/Gloucestershire/Alamy Stock Photo;
detalhes da noiva: © Marvin Dott/Fotosearch/Latinstock

foto da autora: © Danielle Barnum Photography

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72n

Kleypas, Lisa

Uma noiva para Winterborne [recurso eletrônico] / Lisa Kleypas;
tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Os Ravenels; 2)

Tradução de: *Marrying Winterborne*

Sequência de: Um sedutor sem coração

Continua com: Um acordo pecaminoso

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-804-1857-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.
III. Série.

18-49649

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Greg, meu marido e herói.

Com amor sempre,

L. K.

CAPÍTULO 1

— Sr. Winterborne, há uma mulher aqui para vê-lo.

Rhys ergueu os olhos da pilha de cartas na escrivaninha, carrancudo.

Sua secretária, a Sra. Fernsby, estava parada à porta do escritório particular dele, os olhos inquisidores atrás dos óculos redondos. Era uma mulher de meia-idade asseada, mexeriqueira e um pouco roliça.

— A senhora sabe que não recebo visitas a esta hora.

Era um ritual de Rhys passar a primeira meia hora da manhã lendo a correspondência em silêncio, sem interrupções.

— Sim, senhor, mas a visita é uma dama e ela...

— Não me importa se ela é a maldita rainha — retrucou ele com rispidez. — Mande-a embora.

A Sra. Fernsby contraiu os lábios em uma expressão desaprovadora. Porém saiu na mesma hora, os saltos dos sapatos acertando o chão como os disparos ritmados de uma arma de fogo.

Rhys voltou a atenção para a carta à sua frente. Perder a paciência era um luxo que ele raramente se permitia, mas na última semana fora invadido por uma melancolia que pesava em seus pensamentos e seu coração e o levava a descontar em qualquer um que estivesse por perto.

Tudo por causa de uma mulher que ele soubera muito bem que não deveria querer.

Lady Helen Ravenel... uma mulher instruída, inocente, tímida,

aristocrática. Tudo o que ele não era.

O noivado dos dois durara meras duas semanas até Rhys conseguir arruiná-lo. Na última vez em que vira Helen, ele tinha sido impaciente e agressivo e, no fim, a beijara do jeito que vinha desejando havia tanto tempo. Helen ficara rígida em seus braços, rejeitando-o. O desprezo da jovem não poderia ter sido mais óbvio. A cena terminara em lágrimas da parte dela e fúria da dele.

No dia seguinte, Kathleen, lady Trenear, que fora casada com o finado irmão de Helen, aparecera para informar que a cunhada ficara tão perturbada que estava de cama com enxaqueca. “Ela nunca mais quer vê-lo”, dissera Kathleen, sem meias palavras.

Rhys não poderia culpar Helen por romper o noivado. O relacionamento deles obviamente era um equívoco. Era contra os desígnios de Deus que ele tomasse como esposa a filha de uma família aristocrática inglesa. Apesar de sua fortuna, Rhys não tinha o comportamento nem a instrução de um cavalheiro. Também não possuía a aparência de um cavalheiro, com sua pele morena, os cabelos negros e os músculos de trabalhador braçal.

Aos 30 anos, ele transformara a Winterborne’s, o pequeno estabelecimento comercial do pai na High Street, na maior loja de departamentos do mundo. Era proprietário de fábricas, depósitos, terrenos, estábulos, lavanderias e prédios residenciais. Fazia parte de conselhos diretores de empresas navais e ferroviárias. Porém, não importava o que ele conquistasse, nunca conseguiria superar o fato de ser filho de um comerciante galês.

Os pensamentos de Rhys foram interrompidos por outra batida à porta. Incrédulo, ele ergueu os olhos enquanto a Sra. Fernsby voltava a entrar no escritório.

– O que a senhora quer? – perguntou ele, irritado.

A secretária endireitou os óculos e respondeu em um tom determinado:

– A menos que o senhor deseje que a dama seja removida à

força, ela insiste em esperar até que fale com ela.

A irritação de Rhys se transformou em perplexidade. Nenhuma mulher que ele conhecia, respeitável ou não, ousaria abordá-lo de forma tão ousada.

– Qual o nome dela?

– Ela não disse.

Rhys balançou a cabeça, incrédulo. Como a visitante conseguira chegar ali? Ele pagava um pequeno exército para não ter que lidar com aquele tipo de interrupção. Uma ideia absurda lhe ocorreu e, embora Rhys tentasse afastá-la, sua pulsação acelerou.

– Como ela é? – forçou-se a perguntar.

– Está vestida com roupas de luto, com um véu sobre o rosto. É muito esguia e fala baixo – descreveu a secretária e, depois de uma breve hesitação, acrescentou com ironia: – O modo de falar dos aristocratas.

Ao sentir que sua desconfiança se confirmava, Rhys sentiu uma pontada no peito.

– *Yr Dduw!* – murmurou. *Deus!*

Não parecia possível que Helen fosse até ele. Mas por algum motivo ele compreendeu que ela estava ali, tinha certeza disso. Sem nem mais uma palavra, Rhys se levantou e passou pela Sra. Fernsby a passadas largas.

– Sr. Winterborne – disse a secretária, que ia atrás dele. – O senhor está em mangas de camisa. Seu paletó...

Rhys mal a escutou enquanto deixava o escritório, em um dos cantos da construção e entrava em um saguão com poltronas de couro.

Com a respiração acelerada, ele estacou ao ver a visitante.

Embora o véu de luto ocultasse o rosto de Helen, Rhys reconheceu a postura perfeita e a forma esbelta e flexível de seu corpo.

Ele se forçou a chegar mais perto. Incapaz de dizer qualquer

coisa, ficou parado na frente de Helen, quase engasgando de ressentimento e, ainda assim, inspirando seu perfume doce com uma avidez impotente.

A presença dela o deixou excitado, a pele quente e o coração batendo rápido, com violência.

De uma das salas anexas ao saguão, o ruído das máquinas de escrever silenciou.

Era uma loucura Helen aparecer ali sem acompanhante. A reputação dela seria destruída. Precisava ser retirada do saguão e mandada para casa antes que alguém se desse conta de quem era ela.

Contudo, primeiro ele precisava descobrir o que Helen queria. Embora fosse protegida e inocente, não era tola. Não teria corrido um risco tão grande sem um bom motivo.

Rhys desviou o olhar para a Sra. Fernsby por um instante.

– Minha convidada vai partir logo. Nesse meio-tempo, certifique-se de que não sejamos perturbados.

– Sim, senhor.

O olhar dele se voltou para Helen.

– Venha – disse em um tom brusco, dirigindo-se ao escritório.

Ela o acompanhou sem dizer uma palavra, as saias farfalhando ao roçar as paredes do corredor. As roupas de Helen eram antiquadas e ligeiramente gastas, a aparência da aristocracia em tempos difíceis. Era por isso que ela estava ali? A necessidade de dinheiro da família Ravenel seria assim tão desesperadora a ponto de ela ter mudado de ideia a respeito de se rebaixar e se tornar esposa dele?

Por Deus, pensou Rhys em uma expectativa sombria, como *adoraria* vê-la implorando para que ele a aceitasse de volta. Não aceitaria, claro, mas daria a ela uma amostra do tormento que ele mesmo suportara ao longo da última semana. Qualquer um que já houvesse ousado cruzar o caminho dele teria garantido a ela que

não haveria perdão ou clemência depois do que fizera.

Entraram no escritório de Rhys, um lugar amplo e silencioso com grandes janelas de vidros duplos e tapetes espessos e macios. No centro da sala, correspondência e documentos se empilhavam em uma escrivaninha de nogueira.

Rhys fechou a porta do escritório, foi até a escrivaninha, pegou uma ampulheta e virou-a em um gesto estudado. A areia escorreria para o compartimento de baixo em precisamente quinze minutos. Ele sentia a necessidade de deixar claro que estavam no mundo dele agora, onde o tempo importava e o controle estava em suas mãos.

Rhys se virou para Helen com um erguer zombeteiro das sobrancelhas.

– Fui informado na semana passada de que a senhorita...

Porém a voz dele falhou quando Helen tirou o véu do rosto e o encarou com a gravidade suave e paciente que o havia devastado desde o princípio. Seus olhos tinham o azul-acinzentado das nuvens ao luar. Os belos cachos dela, do mais pálido tom de louro, estavam presos em um coque elegante, mas uma mecha sedosa havia escapado dos prendedores negros e pendia sobre a orelha esquerda.

Maldita fosse ela, *maldita* fosse, por ser tão linda.

– Por favor, perdoe-me – pediu Helen, o olhar preso ao dele. – Esta foi a primeira oportunidade que encontrei de vir até o senhor.

– A senhorita não deveria estar aqui.

– Há coisas que preciso conversar com o senhor – disse ela, lançando um olhar tímido para uma cadeira próxima. – Se não se importar...

– Sim, sente-se.

Mas Rhys não fez nenhum gesto para ajudá-la. Já que Helen nunca o veria como um cavalheiro, ele não agiria como um. Ficou apoiado na escrivaninha, nem inteiramente sentado nem de pé, os

braços cruzados diante do peito.

– A senhorita não tem muito tempo – falou, em um tom frio, indicando a ampulheta com um gesto curto de cabeça. – É melhor fazer bom uso dele.

Helen se sentou, arrumou as saias e retirou as luvas com puxões ágeis.

Rhys sentiu a boca ficar seca ao ver os dedos delicados dela emergirem das luvas negras. Helen havia tocado piano para ele no Priorado Eversby, a propriedade da família dela. Rhys ficara fascinado com a habilidade de suas mãos, que pulavam e pressionavam as teclas do piano como pequenos pássaros brancos. Por alguma razão, ela ainda usava o anel de noivado que ele lhe dera. O perfeito diamante de lapidação rosa ficou preso por um instante na luva.

Depois de empurrar o véu para trás, de modo que ele caísse nas costas como uma nuvem escura de tecido, Helen ousou permitir que o olhar encontrasse novamente o dele por um instante tenso. Um rubor delicado coloriu seu rosto.

– Sr. Winterborne, não pedi que minha cunhada o visitasse na semana passada. Eu não estava me sentindo bem, mas se houvesse sido informada do que Kathleen pretendia...

– Ela disse que a senhorita estava doente.

– Era só uma dor de cabeça...

– Parece que eu fui a causa.

– Kathleen deu importância de mais ao fato...

– De acordo com ela, a senhorita disse que nunca mais queria me ver.

O rubor leve se transformou em um tom de rosa intenso.

– Gostaria que ela não houvesse repetido isso – exclamou Helen, parecendo exasperada e envergonhada. – Não foi o que eu quis dizer. Minha cabeça estava me matando, enquanto eu tentava compreender o que havia acontecido no dia anterior. Quando o

senhor me visitou e...

Ela desviou o olhar e encarou o próprio colo, a luz da janela refletindo-se em seus cabelos. Os dedos dela estavam entrelaçados com força, as palmas ligeiramente afastadas, como se segurasse algo frágil entre elas.

– Preciso conversar com o senhor sobre isso – disse baixinho. – Quero muito... chegar a um entendimento com o senhor.

Algo dentro de Rhys morreu. Já havia sido abordado por tantas pessoas devido a questões de dinheiro que reconheceu o que estava prestes a acontecer. Helen não era diferente de nenhum outro que pretendia conseguir alguma vantagem para si. Embora ele não pudesse culpá-la por isso, não conseguiria suportar ouvir qualquer conclusão a que ela houvesse chegado de quanto ele lhe devia e por quê. Rhys preferia pagar a ela imediatamente e acabar logo com aquilo.

Só Deus sabia por que nutrira esperanças, tão pequenas e tolas, de que Helen pudesse querer algo dele além de dinheiro. Era assim que o mundo sempre funcionara e sempre funcionaria. Os homens buscavam belas mulheres e as mulheres negociavam sua beleza em troca de riquezas. Ele havia degradado Helen ao encostar as patas nela, e ela agora queria uma compensação.

Rhys contornou a escrivaninha, abriu uma gaveta e tirou um talão de cheques. Pegou, então, uma caneta e preencheu uma ordem de pagamento de 10 mil libras. Depois de fazer uma anotação na margem esquerda do talão para seu controle, foi até Helen e lhe entregou o papel.

– Não há necessidade de que ninguém saiba de onde isto veio – disse Rhys em um tom profissional. – Se a senhorita não tiver uma conta no banco, cuidarei para que seja aberta.

Nenhum banco permitiria que uma mulher abrisse uma conta para si.

– Prometo que tudo será feito da forma mais discreta possível –

concluiu ele.

Helen o encarou perplexa, então olhou para o cheque.

– Por que o senhor faria...

Ela prendeu a respiração ao ver a quantia. E voltou a encará-lo com uma expressão horrorizada.

– *Por quê?* – perguntou, a respiração agora saindo em arquejos nervosos.

Confuso com a reação dela, Rhys franziu o cenho.

– A senhorita disse que queria chegar a um entendimento. É o que se entende por essa expressão.

– *Não*, eu quis dizer... quis dizer que queria que nós nos entendêssemos.

Ela rasgou o cheque em minúsculos pedaços.

– Não preciso de dinheiro. E, mesmo se precisasse, jamais pediria ao senhor.

Pedaços de papel voaram pelo ar como flocos de neve.

Rhys observou espantado enquanto ela desprezava a pequena fortuna que ele acabara de lhe oferecer. Ele se pegou sentindo um misto de frustração e vergonha ao perceber que a interpretara mal. Que diabo aquela jovem queria dele? Por que estava ali?

Helen respirou fundo uma vez, e outra, recuperando devagar a compostura. Então, se levantou e se aproximou dele.

– Houve um... acréscimo inesperado... às posses da família. Agora temos meios de garantir dotes para mim e para as minhas irmãs.

Rhys a encarou, o rosto uma máscara rígida, enquanto seu cérebro se esforçava para compreender o que ela dizia. Helen se aproximara demais. Seu perfume suave, de baunilha e orquídeas, o invadia a cada inspiração. Ele sentia o corpo arder. Queria deitá-la em cima da escrivaninha...

Rhys afastou essa imagem com esforço. Ali, no cenário profissional do escritório, vestido em roupas civilizadas e sapatos

sociais bem engraxados, nunca se sentira mais bruto. Desesperado para estabelecer alguma distância entre eles, Rhys recuou até a escrivaninha e se apoiou de novo nela, enquanto Helen continuou a se aproximar, até sua saia roçar nos joelhos dele.

Era como se ela fosse um personagem de conto de fadas galês, uma ninfa formada pela bruma de um lago. Havia algo sobrenatural na delicadeza da pele de porcelana e no belo contraste entre as sobrancelhas e os cílios escuros e os cabelos louro-platinados. E aqueles olhos... a transparência fria contida por bordas escuras.

Ela dissera algo sobre um acréscimo inesperado. O que significaria aquilo? Uma herança inesperada? Um presente? Talvez um investimento lucrativo – embora isso fosse improvável, levando-se em conta a conhecida irresponsabilidade fiscal da família Ravenel. Qualquer que fosse a origem de tal fortuna repentina, Helen parecia acreditar que os problemas financeiros da família haviam terminado. Se isso fosse verdade, então ela poderia escolher o homem que quisesse em Londres.

Helen colocara o próprio futuro em risco indo até ele. A reputação dela estava em perigo. Ele poderia tê-la violado ali mesmo, no escritório, e ninguém teria levantado um dedo sequer para ajudá-la. A única coisa que a mantinha segura era o fato de que Rhys não tinha a menor vontade de destruir algo tão frágil e adorável quanto aquela mulher.

Para o bem de Helen, ele precisava retirá-la da Winterborne's o mais rápido e discretamente possível. Com esforço, olhou por cima da cabeça dela e fixou os olhos em um ponto distante na parede de painéis de madeira.

– Vou acompanhá-la para fora do prédio por uma saída privada – murmurou Rhys. – A senhorita voltará para casa sem que ninguém a veja.

– Não vou liberá-lo de nosso compromisso de noivado – disse ela em um tom gentil.

Os olhos dele encontraram os dela enquanto outra pontada o atingia no peito. Helen nem piscou, apenas esperou pela resposta dele.

– Milady, ambos sabemos que sou o último homem no mundo com quem deseja se casar. Desde o começo, reparei no seu desprezo por mim.

– Desprezo?

Insultado pela surpresa fingida dela, Rhys continuou, agressivo:

– A senhorita se encolhia ao meu toque. Não falava comigo durante o jantar. Na maior parte do tempo, nem sequer conseguia se forçar a olhar para mim. E, quando eu a beijei, na semana passada, se afastou de mim e desabou em lágrimas.

Ele imaginou que Helen ficaria envergonhada ao se ver confrontada com sua mentira. Em vez disso, ela o encarou com uma expressão séria, de lábios entreabertos, parecendo consternada.

– Sou tímida demais – disse Helen por fim. – Preciso me esforçar mais para superar isso. Quando me comporto desse modo, o motivo não tem absolutamente nada a ver com desprezo. A verdade é que o senhor me deixa nervosa. Porque... – Um profundo rubor coloriu sua pele, da gola alta do vestido até a raiz dos cabelos. –... porque o senhor é muito atraente – continuou ela, desajeitadamente. – E experiente. E não quero que me ache tola. Quanto ao outro dia, aquele... aquele foi meu primeiro beijo. Eu não sabia o que fazer e me senti... agoniada.

Em algum lugar no caos que era a sua mente naquele momento, Rhys pensou que era bom estar apoiado na escrivaninha. Caso contrário, as pernas dele teriam cedido. Seria possível que o que ele interpretara como desdém na verdade fosse timidez? Que o que ele achara ser desprezo fosse inocência? Naquele momento, foi como se o coração de Rhys se abrisse. Com que facilidade Helen o desarmava! Um poucas palavras, e já estava pronto a cair de joelhos diante dela.

O primeiro beijo de Helen, e ele o roubara.

Nunca tinha havido necessidade de fazer o papel do sedutor. As mulheres sempre estiveram disponíveis para ele e pareciam satisfeitas com o que quer que ele se dispusesse a fazer na cama. Houvera damas de vez em quando: a esposa de um diplomata, uma condessa cujo marido estava em viagem ao continente. Elas o elogiaram por seu vigor, sua virilidade e pelo tamanho de seu membro, e não haviam pedido mais nada.

Tanto o corpo quanto a natureza de Rhys eram tão rígidos quanto as encostas de ardósia de Elidir Fawr, a montanha em Llanberis onde ele nascera. Rhys não sabia nada sobre modos elegantes ou boa criação. Havia calos permanentes em suas mãos, dos anos que passara montando caixotes e carregando mercadorias até as carroças de entrega. Tinha pelo menos o dobro do peso de Helen, e era musculoso como um touro – se montasse nela como havia feito com outras mulheres, poderia rasgá-la ao meio.

Maldição. Antes de mais nada, o que lhe passara pela cabeça para chegar àquele ponto? Nunca deveria ter se permitido considerar a ideia de se casar com ela. Estivera cego demais pela própria ambição – e pela doçura e beleza delicada de Helen –, e não chegara a pensar nas consequências para ela.

Ficou amargurado ao tomar consciência das próprias limitações.

– Isso são águas passadas – disse Rhys em voz baixa. – Logo a senhorita participará de sua primeira temporada social e encontrará o homem certo. Qualquer um sabe que não sou eu.

Ele começou a se levantar, mas Helen se aproximou ainda mais e ficou bem perto dele. A pressão hesitante da mão dela em seu peito provocou uma onda ardente de desejo. Rhys se apoiou mais na mesa, sentindo-se fraco, toda a energia concentrada em manter o pouco que lhe restava de autocontrole. Estava a um assustador milímetro de puxá-la para o chão com ele. E devorá-la.

– Pode... pode me beijar de novo? – pediu Helen.

Ele fechou os olhos com força, arfando, furioso. Que peça o Destino lhe pregara, jogando aquela criatura frágil em seu caminho para puni-lo por ter subido mais alto do que deveria. Para lembrá-lo do que ele nunca poderia se tornar.

– Não consigo ser um cavalheiro – declarou Rhys, a voz rouca. – Nem mesmo por você.

– Não precisa ser um cavalheiro. Só gentil.

Ninguém nunca lhe pedira uma coisa daquelas. Para desespero de Rhys, ele percebeu que não conseguiria ser assim. Suas mãos agarraram com força a beira da escrivaninha até a madeira ameaçar se partir.

– *Cariad...* não há nada gentil na forma como desejo você.

Ele ficou surpreso com a ternura na própria voz, um tom que nunca usara com ninguém.

Rhys sentiu Helen tocar seu maxilar, as pontas delicadas dos dedos dela um fogo gelado em sua pele. Todos os seus músculos se contraíram, seu corpo parecia feito de aço.

– Só tente – sussurrou ela. – Por mim.

E pressionou a boca macia contra a dele.

CAPÍTULO 2

Helen roçou timidamente os lábios nos de Rhys, tentando persuadi-lo a uma reação. Mas não houve a menor resposta da parte dele. Nenhum sinal de encorajamento.

Depois de um instante, ela se afastou, insegura.

Rhys arquejava. Ergueu os olhos para encará-la com a expressão feroz de um cão de guarda.

Helen sentiu o estômago doer de desespero e se perguntou o que deveria fazer.

Sabia pouco sobre os homens. Quase nada. Desde a mais tenra infância, ela e as irmãs mais novas, Pandora e Cassandra, haviam vivido reclusas na propriedade da família, no campo. Os criados da casa sempre haviam sido respeitosos e os arrendatários e comerciantes da cidade mantinham uma distância educada das três filhas do conde.

Negligenciada pelos pais e ignorada pelo irmão, Theo, que havia passado a maior parte de sua curta vida em colégios internos ou em Londres, Helen se voltara para os livros e para o mundo da própria imaginação. Seus pretendentes haviam sido personagens da literatura – Romeu, Heathcliff, o Sr. Darcy, Edward Rochester, sir Lancelot, Sydney Carton – e uma variedade de príncipes de cabelos dourados dos contos de fadas.

Ela acreditava que jamais seria cortejada por um homem de verdade, apenas pelos imaginários. Mas, fazia dois meses, Devon, o primo que recentemente herdara o título de Theo, havia convidado o

amigo Rhys Winterborne para passar o Natal no Priorado Eversby com a família... e tudo mudara.

A primeira vez que Helen viu o Sr. Winterborne foi no dia em que ele foi levado para a propriedade com a perna quebrada. Em uma sequência terrível de eventos, quando Devon e o Sr. Winterborne viajavam de Londres para Hampshire, o trem deles colidira com vagões de lastro. Por um milagre, os dois haviam sobrevivido ao acidente, mas ambos ficaram feridos.

Como resultado, a breve visita do Sr. Winterborne para as festas de fim de ano acabara se transformando em quase um mês de estadia no Priorado Eversby, até que ele estivesse suficientemente restabelecido para voltar a Londres. Mesmo ferido, o Sr. Winterborne irradiava uma determinação que Helen achara tão fascinante quando desconfortável. Contra todas as regras do decoro, ela havia ajudado a cuidar dele. Na verdade, insistira nisso. Embora sua atitude tivesse como pretexto a compaixão, esse não tinha sido o único motivo. A verdade era que Helen nunca se sentira tão fascinada por alguém quanto se sentia por aquele estranho grande, de cabelos escuros e sotaque musical.

Conforme sua condição física melhorava, o Sr. Winterborne começara a solicitar a companhia dela, insistindo para que Helen lesse para ele e conversassem por horas. Ninguém jamais havia se interessado tanto por ela.

O Sr. Winterborne era espantosamente belo, não à maneira dos príncipes de contos de fadas, mas com uma masculinidade inflexível que mexia com os nervos de Helen. Os traços do rosto dele eram arrojados, com um nariz bem definido e lábios cheios e delineados. Sua pele não mostrava a palidez da moda, mas um tom moreno, rico e quente, e os cabelos eram negros como carvão. Não havia nada do relaxamento aristocrático nele, nenhum toque de graça lânguida. O Sr. Winterborne era sofisticado e muito inteligente, mas havia algo selvagem nele. Uma sugestão de perigo, um fogo que

parecia arder sob a superfície.

Depois que o Sr. Winterborne foi embora de Hampshire, a propriedade caíra no silêncio e no tédio dos dias monótonos. Helen fora assombrada por lembranças dele... a sugestão de encanto sob o verniz duro... o sorriso pouco frequente mas fascinante.

Para consternação dela, o Sr. Winterborne não parecia nem um pouco disposto a aceitá-la de volta. O orgulho dele fora ferido pelo que provavelmente lhe parecera uma rejeição insensível, e Helen ansiava por consolá-lo. Se ao menos pudesse voltar no tempo até o dia em que ele a beijara na Casa Ravenel, lidaria com a situação de forma muito diferente. Mas tinha se sentido tão intimidada por ele... O Sr. Winterborne a beijara, passara as mãos por seu corpo, e ela se assustara, ficara apavorada. Depois de algumas palavras ásperas, ele havia partido. Aquela fora a última vez que Helen o vira até então.

Se ela houvesse experimentado alguns flertes quando era menina – um beijo ou dois roubados por algum rapazinho –, talvez o encontro com o Sr. Winterborne não tivesse sido tão alarmante. Mas Helen não tivera nenhuma experiência daquele tipo. E o Sr. Winterborne não era um menino inocente, mas um homem adulto em seu auge.

A parte mais estranha de tudo aquilo – o segredo que ela não poderia confessar a ninguém – era que, apesar de todo o medo que sentira com o que acontecera, Helen tinha começado a sonhar com o Sr. Winterborne beijando-a, pressionando a boca com muita força contra a dela, noite após noite. Em alguns sonhos, ele começava a abrir o vestido dela, a beijá-la com cada vez mais intensidade e urgência, tudo caminhando na direção de alguma misteriosa conclusão. Helen acordava ofegante, agitada e ruborizada de vergonha.

Ela experimentou as mesmas sensações naquele momento, quando ergueu os olhos para o Sr. Winterborne.

– Mostre-me como quer ser beijado – pediu ela, a voz falhando um pouco. – Ensine-me como agradá-lo.

Para surpresa de Helen, um dos cantos da boca do Sr. Winterborne se curvou em uma expressão divertida e insolente.

– Está querendo se garantir, não é?

Ela o encarou confusa.

– Me garantir...

– Quer me manter fígado – esclareceu ele. – Até ter certeza da fortuna inesperada da família.

Helen se sentiu confusa e magoada pelo desdém no tom dele.

– Por que não consegue acreditar que quero me casar com o senhor por outras razões que não sejam dinheiro?

– A única razão para a senhorita ter me aceitado foi porque não tinha dote.

– Isso não é verdade...

O Sr. Winterborne continuou como se não a tivesse ouvido:

– Precisa se casar com alguém do seu tipo, milady. Um homem bem-nascido e de boas maneiras. Ele vai saber como tratá-la. Ele a manterá em uma casa de campo, onde a senhorita cuidará de orquídeas e lerá livros...

– Isso é o *oposto* do que eu preciso – declarou Helen com irritação.

Não era do feitio dela falar de forma impetuosa, mas estava desesperada demais para se importar. Ele claramente pretendia mandá-la embora. Como poderia convencê-lo de que o queria de verdade?

– Passei a vida inteira lendo sobre a vida que outras pessoas levavam – continuou ela. – Meu mundo sempre foi... muito pequeno. Ninguém acredita que eu estaria melhor se não fosse mantida isolada e protegida. Como uma flor em uma estufa. Se eu me casar com alguém do meu tipo, como o senhor colocou, ninguém jamais me verá como eu sou. Só como eu deveria ser.

– Por que acha que eu seria diferente?

– Porque o senhor é.

Ele a encarou com uma expressão que Helen comparou ao cintilar da lâmina de uma faca. Fez-se um instante de silêncio estranhamente opressivo.

– Você conheceu poucos homens – falou o Sr. Winterborne de modo brusco. – Vá para casa, Helen. Conhecerá alguém durante a temporada de eventos sociais, então agradecerá a Deus, de joelhos, por não ter se casado comigo.

Helen sentiu os olhos arderem. Como tudo fora arruinado tão depressa? Como podia tê-lo perdido tão rápido?

– Kathleen não deveria ter falado com o senhor em meu nome – disse a jovem, sentindo-se mal fisicamente de arrependimento e tristeza. – Ela achou que estaria me protegendo, mas...

– Ela estava.

– Pois eu não queria ser protegida do senhor.

O esforço exigido para manter a compostura era como tentar correr na areia: ela não conseguia encontrar suporte nos ângulos incertos da emoção. Para piorar sua consternação, sentiu os olhos marejarem e um soluço de choro lhe escapou do peito.

– Fiquei de cama com dor de cabeça por *um dia* – continuou Helen – e, quando acordei na manhã seguinte, nosso noivado estava rompido e eu havia *p-perdido* o senhor e nem sequer...

– Helen, não.

– Achei que havia sido apenas um mal-entendido. Que, se eu conversasse pessoalmente com o senhor, tudo se a-ajetaria, e...

Outro soluço. Helen estava tão dominada pela emoção que teve apenas uma vaga consciência de Rhys se aproximando, estendendo as mãos para ela, mas logo recuando.

– Não. Não chore. Pelo amor de Deus, Helen...

– Não tive a intenção de rejeitá-lo. Não sabia o que fazer. O que faço para que me queira de volta?

Ela esperou por uma resposta zombeteira ou talvez carregada de piedade. A última coisa que imaginaria seria o murmúrio trêmulo que escapou dos lábios dele.

– Eu já quero você, *cariad*. Quero demais, maldição.

Helen o encarou confusa através da névoa de lágrimas, a respiração saindo em soluços humilhantes, como se ela fosse uma criança. No instante seguinte, ele a havia puxado para si.

– Shhh, pare com isso – sussurrou, a voz mais profunda, como o roçar de um veludo escuro contra os ouvidos dela. – Shhh, *bychan*, pequenina, minha pombinha. Nada vale as suas lágrimas.

– O senhor vale.

Winterborne ficou imóvel. Depois de um minuto, ele levou a mão ao queixo dela, o polegar apagando a trilha de uma lágrima. As mangas da camisa dele estavam enroladas na altura dos cotovelos, como faziam os carpinteiros e trabalhadores do campo. Os antebraços eram muito musculosos e peludos; os pulsos, grossos. Havia algo surpreendentemente reconfortante em ser envolvida naquele abraço firme. Um aroma seco e agradável se desprendia do corpo dele, uma mistura intensa de linho engomado, pele masculina limpa e sabão de barbear.

Helen sentiu o Sr. Winterborne inclinar o rosto dela para cima com muito cuidado. O hálito dele chegava ao rosto dela com um aroma de menta. Ao perceber o que ele pretendia, Helen fechou os olhos, o estômago se contraindo como se o chão houvesse acabado de desaparecer sob seus pés.

Ela sentiu um sopro de calor contra o lábio superior, tão suave que mal conseguiu perceber. Depois um toque no canto da boca, e então no lábio inferior, que terminou com uma sugestão de maior intensidade.

A mão livre dele deslizou por baixo do véu de Helen para segurá-la pela nuca delicada. A boca encontrou a dela em outra carícia breve e insinuante. Ele passou a ponta do polegar pelo lábio inferior

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma noiva para Winterborne" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).